


ENTRE O SANTO PADROEIRO E A EDUCAÇÃO: A CULTURA JUNINA NA CIDADE DE DUQUE DE CAXIAS

BETWEEN THE PATRON SAINT AND EDUCATION: JUNE CULTURE IN THE CITY OF DUQUE DE CAXIAS


Andressa Monteiro de Carvalho

 <https://orcid.org/0009-0007-7880-0357>

Correspondência: profandressamonteiro@gmail.com

Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), Rio de Janeiro, Brasil.

Renata de Almeida Oliveira

 <https://orcid.org/0000-0001-6764-3287>

Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), Rio de Janeiro, Brasil.

DOI: 10.12957/cdf.2025.94644

Recebido em: 13 out. 2025 | **Aceito em:** 25 nov. 2025

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a cultura junina no município de Duque de Caxias, a partir de um recorte da pesquisa de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades, Culturas e Artes. O estudo busca compreender as relações entre Santo Antônio, santo padroeiro da cidade e a educação no município, investigando como as celebrações dedicadas ao santo impactam as relações educativas e culturais no município. Adotou-se uma metodologia qualitativa, com base em aspectos da observação participante, realizada durante os festejos no ano de 2025 e aspectos da análise de conteúdo para a elaboração deste estudo. Como referenciais teóricos, utilizaram-se as pesquisas de Tania Amaro (2019), Antonio Augusto Braz (2019) Renata de Almeida Oliveira (2017), pesquisadores da Baixada Fluminense, para a abordagem dos aspectos ligados ao santo e à cidade; Luiz Antonio Simas (2022), para a discussão do histórico do santo no Brasil; bell hooks (2019) e Paulo Freire (1991), para refletir sobre os sentidos da educação na cidade e Halbwachs (2006) para a análise do conceito de memória coletiva.

Palavras-chave: Cultura junina; Duque de Caxias; Santo Antônio; escolas públicas; educação.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on June culture in the municipality of Duque de Caxias, based on a part of the doctoral research being developed in the Interdisciplinary Postgraduate Program in Humanities, Cultures and Arts. The study seeks to understand the relationships between Saint Anthony, the patron saint of the city, and education in the municipality, investigating how the celebrations dedicated to the saint impact the



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons BY 4.0, que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

educational and cultural relationships in the municipality. A qualitative methodology was adopted, grounded in aspects of participant observation carried out during the 2025 festivities and in aspects of content analysis applied to the documentary corpus used in the development of this study. As theoretical references, the research of Tania Amaro (2019), Antonio Augusto Braz (2019), and Renata de Almeida Oliveira (2017), researchers from the Baixada Fluminense, was used to approach aspects related to the saint and the city; Luiz Antonio Simas (2022) for the discussion of the saint's history in Brazil; Bell Hooks (2019) and Paulo Freire (1991) to reflect on the meanings of education in the city, and Halbwachs (2006) for the analysis of the concept of collective memory.

Keywords: June festivals culture; Saint Anthony; Duque de Caxias; public schools; education.

1 INTRODUÇÃO

Festas e comemorações estão imersas em memórias e histórias. Elas conectam pessoas, valorizam as diversidades e nos permitem respirar a cultura do lugar. Nas escolas, as festas juninas transformaram-se em um momento de aprendizado e diversão, no qual alunos e professores trabalham juntos por um objetivo alinhado ao calendário sazonal da escola e, neste caso apresentado, da cidade. Há quase uma década atuo como professora da rede pública de Duque de Caxias. Nesse percurso, estive envolvida nas atividades escolares relacionadas às festas juninas, o que despertou em mim a curiosidade e o interesse em compreender os sentidos culturais e pedagógicos nelas presentes. Sempre fui a professora que, assim que junho batia à porta, corria atrás de bandeirinhas para pendurar, como se esse gesto inaugurasse o período junino na escola.

Com o tempo, percebi que a celebração se tornou uma parte da cultura escolar, integrando o calendário de toda uma rede pública e assumindo funções que vão além do entretenimento ao articular memória e identidade. Ao longo dessa trajetória, pude participar de reuniões pedagógicas em que se discutia a nomenclatura “Festa Junina”, que em muitos lugares passou a ser substituída pela expressão “Festa Cultural”. A mudança era justificada como forma de minimizar as raízes religiosas da celebração e, ao mesmo tempo, enaltecer a sua riqueza cultural. Embora não concordasse, pela historicidade que o nome carrega, era voto vencido.

Mesmo assim, esse movimento de discussão em torno dos festejos, torna claro que cultura e educação se entrelaçam, tanto na formação dos sujeitos quanto na produção de sentidos dentro do espaço escolar. Paulo Freire (1967, p. 108), ao transitar pelo conceito de cultura, já a destacava como uma dimensão fundamental para a aprendizagem, uma

vez que pressupõe a “não-ingenuidade” e conduz à imagem de uma escola curiosa, provocadora de mudanças e possibilitadora da construção de saberes. Assim, para Freire a cultura é compreendida: “como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A cultura como o resultado de seu trabalho. Do seu esforço criador e recriador. O sentido transcendental de suas relações.”

Partindo dessa concepção freireana, este artigo, que é um recorte da pesquisa de doutorado em desenvolvimento, sobre a relação entre a educação e a festa de Santo Antônio, busca discutir a cultura junina no município de Duque de Caxias. Procurando dar destaque nas relações entre a rede pública de ensino e a festa de Santo Antônio, padroeiro da cidade, uma vez que esse festejo ocupa lugar de destaque na vivência cultural caxiense e se apresenta como currículo vivo (Candau, 2005).

Assim, emergem algumas questões que orientam esta investigação: como essa festa passou a integrar o currículo escolar? De que maneira se desenvolveram em Duque de Caxias e quais sentidos assumiram em sua trajetória? A festa de Santo Antônio, padroeiro da cidade, exerce influência nesse contexto? Quais ações a Secretaria Municipal de Educação realiza na festa do padroeiro? E, ainda, seriam os festejos da década de 1990 os mesmos que se realizam na contemporaneidade ou a celebração sofreu alterações? Esses questionamentos orientam a presente investigação, que busca explorá-los e esclarecê-los ao longo de sua construção.

Outro ponto a ser destacado nesta introdução é o uso das mídias sociais durante os festejos, necessárias para uma análise mais completa sobre a cibercultura (Lévy, 1999) que será abordada em um momento posterior, durante o desenvolvimento da tese. Ressalta-se, entretanto, que a cultura junina vai muito além de eventos recreativos: ela se constrói como prática de resistência, preservação da memória e fortalecimento do sentimento de pertencimento comunitário. Além disso, por estarem presentes também nas instituições de ensino e pela riqueza cultural que carregam, elas assumem destaque no contexto educacional e patrimonial, consolidando-se como uma tradição.

A memória, aqui, é analisada a partir do conceito de Halbwachs (2006), segundo o qual o indivíduo pertence a diversos grupos, e esses grupos desenvolvem uma consciência coletiva, uma representação compartilhada. Ao vivenciar e compartilhar essas experiências, o indivíduo jamais estaria isolado, permanecendo sempre conectado, por meio da memória, ao grupo ao qual pertence ou que já pertenceu. Assim, a memória individual estaria sempre participando de uma memória coletiva.

Além disso, em reconhecimento a essa importância, o vice-presidente da República, Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho, durante o governo Lula, declarou, por meio da Lei nº 14.555, de 25 de abril de 2023, as festas juninas como patrimônio cultural imaterial do Brasil, reafirmando sua importância na constituição de identidades coletivas e na valorização da diversidade cultural. Diante disso, compreender a cultura junina em Duque de Caxias não significa apenas observar um evento cultural, mas analisar um fenômeno pedagógico, social e histórico que articula memória, identidade e pertencimento.

A pesquisa busca, portanto, compreender como a patrimonialização desses festejos, reconhecida por lei, o que reforça a necessidade de estudá-los como práticas que, para além do entretenimento, e tornam-se possibilitadores de educação, preservação cultural e resistência no cenário contemporâneo. Por outro lado, a festa de Santo Antônio caminha para o processo de reconhecimento como patrimônio cultural, e quanto mais à cidade fala sobre ela, mais se afirma a sua condição de memória viva e bem cultural coletivo. Nesse sentido, reafirma-se a relevância deste artigo como contribuição para a reflexão sobre cultura, educação e identidade em Duque de Caxias.

1.2 O Município de Duque de Caxias – Baixada Fluminense/RJ

Ao refletirmos sobre a história da cidade de Duque de Caxias, destaca-se sua localização na Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro, sendo um dos maiores municípios da região. É dividida em quatro distritos: Duque de Caxias, Campos Elíseos, Imbariê e Xerém. Sua emancipação político-administrativa ocorreu em 1943, com fundação datada em 31 de dezembro, em meio ao Estado Novo, por meio do Decreto-Lei nº 1.055, quando a então denominada Estado Merity, o 8º distrito de Nova Iguaçu foi transformada em Duque de Caxias, (PME, 2015).

No livro *De Merity a Duque de Caxias: Encontro com a História da Cidade*, Braz e Almeida (2019, p. 15) trazem esse contexto histórico: “Em 1943, Duque de Caxias alcançou sua autonomia, tornando-se município e emancipando-se de Nova Iguaçu. Em 1947, São João de Meriti e Nilópolis seguiram esse exemplo, desanexando-se de Duque de Caxias e Nova Iguaçu, respectivamente.” A emancipação de Duque de Caxias significou não apenas uma reorganização administrativa, mas também o início de um processo de afirmação territorial que se consolidaria nas décadas seguintes.

Nesse sentido, a análise do Plano Municipal de Educação (PME, 2015) nos mostra que o município, passou a ter uma posição significativa na economia do Estado. Segundo o diagnóstico do Plano (PME), Duque de Caxias possui aproximadamente 468 km² de extensão territorial e abriga a terceira maior refinaria de petróleo da Petrobras: a Refinaria de Duque de Caxias (REDUC). Além disso, é responsável por mais de 19% da arrecadação de ICMS do Rio de Janeiro, ocupando a segunda posição no ranking estadual, atrás apenas da capital. A esse respeito, os pesquisadores Tania Amaro e Antonio Augusto Braz, observam:

Devido ao seu potente parque industrial químico e petroquímico e a um desenvolvido setor de comércio e serviços, Duque de Caxias tornou-se o segundo município arrecadador de ICMS do estado e está entre as maiores unidades arrecadadoras desse tributo em todo país, superando vários estados da união. Sua administração pública opera com um substancial orçamento, derivado de sua volumosa arrecadação pública, mas ainda não se livrou de graves transtornos infraestruturais, como uma enorme carência no que diz respeito ao saneamento básico e a altíssimos níveis de degradação ambiental. As precárias condições de vida da maioria de sua população somam-se a alarmantes níveis de violência e em graves problemas de saúde pública. Seu território abriga dezenas de favelas e “bairros populares”, o que atesta uma grave crise habitacional (Braz; Almeida, 2019, p. 11).

Contudo, apesar de sua expressiva contribuição econômica, Duque de Caxias¹ apresenta um quadro crítico em termos de qualidade de vida. Pois o município ocupa apenas a 49^a posição no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre os 92 municípios fluminenses. Esse índice considera aspectos como longevidade, escolaridade (incluindo taxas de analfabetismo e matrícula em diferentes níveis de ensino) e renda. Esse contraste evidencia desigualdades históricas e estruturais que ainda marcam o cotidiano da população local.

Outro ponto a destacar é que esse cenário de abandono, historicamente presente na cidade, favoreceu o surgimento de lideranças políticas locais que, por meio do assistencialismo e do controle, acabaram ocupando “os vazios” deixados pelo poder público. No município de Duque de Caxias, entre as figuras que contribuíram para a

¹Notícia de Jornal: “Duque de Caxias: a 4^a cidade mais rica do RJ foi a 2^a pior colocada entre todos os municípios do país com mais de 500 mil habitantes. Entre as 92 cidades do estado, ocupa a posição de número 84, com os piores indicadores em Saúde e Segurança” acesso: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2025/05/29/cidades-qualidade-de-vida-pais-pesquisa.ghtml>.

construção da história da cidade, destaca-se Tenório Cavalcanti, conhecido como o “Homem da Capa Preta”, cuja trajetória política expõe as dinâmicas de poder que marcaram e ainda marcam a história da Baixada Fluminense. A ação desses chamados “coronéis” colaborou para as práticas de governabilidade baseadas no autoritarismo.

Essa ausência de estrutura e amparo social perdura até hoje, como afirma Renata Oliveira (2021, p. 27): “Associada à falta de estrutura urbana e saneamento básico, observa-se também a inexistência de hospitais ou postos de saúde na maior parte dos bairros do próprio município como um todo.” Além disso, pensando na realidade da população da cidade, esse contexto se torna ainda mais complexo quando consideramos que Duque de Caxias, historicamente desempenha a função de território de recepção para camadas populares deslocadas da cidade do Rio de Janeiro, do Nordeste do País, de Minas Gerais, do Noroeste Fluminense, muitas vezes em busca de moradia e melhores condições de vida. Tania Amaro e Antonio Augusto Braz (2019, p.11) informam:

Várias ações de saneamento foram promovidas pelo governo federal. As terras, antes alagadiças e insalubres, tornaram-se acessíveis à ocupação, sendo intensamente retalhadas e transformadas em loteamentos populares, que passaram a abrigar milhares de migrantes originários do Nordeste do país, de Minas Gerais, do Noroeste Fluminense e do próprio município do Rio de Janeiro. Até os primeiros anos da década de 60, quase 80% do total de loteamentos, cuja constituição aconteceu no período que vai de 1920 a 1980, já havia se configurado (Braz; Almeida, 2019, p. 11).

Dessa forma, vemos que ao longo de sua história, Duque de Caxias, foi se construindo em meio a um panorama urbano complexo, colhendo populações de menor poder aquisitivo, muitas vezes em áreas de ocupação precária e de urbanização tardia. É nesse contexto, permeado por desafios sociais e históricos, que se insere a presente pesquisa. Compreender a cidade e suas especificidades torna-se, assim, fundamental para analisar suas práticas culturais.

1.3 O Santo Padroeiro e a Cidade

O acelerado processo de urbanização no Brasil reconfigurou muitas tradições culturais. Festividades que antes eram vinculadas somente ao universo rural, como as

juninas, passaram a fazer parte do cotidiano das cidades, ressignificando-se diante de novas realidades sociais. Impulsionado por intensos fluxos migratórios e transformações no mundo do trabalho, esse movimento ganhou contornos especiais na Baixada Fluminense. Nesse território, os santos juninos não apenas chegaram, como se tornaram padroeiros, consolidando-se como poderosos marcos identitários e símbolos de pertencimento comunitário.

Na Baixada, vemos Santo Antônio como padroeiro de Duque de Caxias e Nova Iguaçu, e São João Batista em São João de Meriti. É importante destacar que, o Estado da Arte sobre a devoção a Santo Antônio no Rio de Janeiro aponta para duas referências que demarcam o campo de pesquisa e servem como embasamento teórico para este trabalho. A primeira é investigação realizada pela professora e antropóloga Renata Menezes², que em sua tese de doutoramento dedicou-se ao estudo etnográfico do Convento de Santo Antônio, situado no Largo da Carioca, buscando compreender como o santuário se configura não apenas como um espaço sagrado, mas como um locus de sociabilidade. E a outra é a orientadora dessa pesquisa, professora e historiadora Renata de Almeida³, que tem um olhar sobre Baixada Fluminense e a devoção na festa de Santo Antônio em Duque de Caxias e em Portugal.

Sabe-se que o frade franciscano é um dos personagens católicos de maior devoção no Brasil. Levantamentos apontam que atualmente, três arquidioceses das 45 presentes no país e onze dioceses o tomam por padroeiro ou titular. Além disso, vinte e quatro catedrais em todo o território brasileiro são dedicadas ao santo. Ele é padroeiro de 515 das 8.787 paróquias. (Ceris, 2000), sendo provavelmente o terceiro personagem católico na preferência nacional, após a imbatível Virgem Maria e o próprio Jesus (Menezes, 2000).

Essa imensa popularidade nacional, atestada por Menezes (2000), encontra em Duque de Caxias um lugar receptivo. A escolha de Santo Antônio como padroeiro do novo município, emancipado em 1943, não foi um ato aleatório. A devoção ao santo é tão forte que o município instituiu um feriado para seu culto, ou melhor, o único da cidade: dia 13 de junho.

²Professora Titular do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, onde atua como docente no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Desenvolve pesquisas nas áreas de Antropologia da Religião e Antropologia do Ritual e das Festas

³Professora Auxiliar no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Afya. Desenvolve pesquisas nas áreas Patrimônio Religioso na Baixada Fluminense, Santos Padroeiros Juninos, Comemorações e Devoção.

O ato que definiu o feriado veio através da deliberação nº1543, de 16 de abril de 1970, publicada no Boletim Oficial nº517, de 27 de abril de 1970, assinado pelo então prefeito Moacyr Rodrigues do Carmo. Em Duque de Caxias, Santo Antônio ocupa esse lugar de protagonismo. Conforme aponta Renata de Almeida Oliveira:

A Festa de Santo Antônio acontece na cidade de Duque de Caxias há mais de 50 anos e é repleta de espaços de memórias. Mesmo antes da emancipação da cidade, a comemoração já acontecia na região que era integrada ao território da cidade de Nova Iguaçu e tem o mesmo santo como padroeiro. Ao longo desse tempo, a comemoração foi lugar de muitas memórias que correspondem a trajetórias de indivíduos, grupos e até mesmo do espaço físico da Catedral de Santo Antônio (Oliveira, 2017, p. 114):

O crescimento da festa, destacado pela citação, revela que a devoção ao santo, antes restrita a celebrações menores, consolidou-se como um evento de grande visibilidade, articulando fé, cultura e memória coletiva no espaço urbano caxiense. No centro da cidade, a Catedral de Santo Antônio se firmou como o epicentro do famoso festejo, local em que ocorre a tradicional distribuição do pão de Santo Antônio, um dos momentos mais aguardados da celebração.

Filas gigantescas se formam no início de cada missa para que as pessoas possam pegar os pães abençoados. Um aspecto relevante é que esses pães chegam por meio de doações de fiéis, trazidos em caixas e mais caixas, e, segundo os devotos, nunca faltam. Ao redor da Catedral, ainda dentro das grades, organizam-se as barracas destinadas à arrecadação da Igreja; já do lado de fora, as barracas populares da festa seguem a rua. O trânsito é fechado na Avenida Governador Leonel de Moura Brizola, uma das principais da cidade, e a festa se estende entre a Igreja e a Praça do Pacificador, no Centro de Duque de Caxias.

Mas como essa devoção começou? A figura de Santo Antônio chegou ao Brasil com os colonizadores portugueses e rapidamente se popularizou, tornando-se um dos santos mais queridos e venerados. No processo de entrecruzamento cultural entre as devoções do cristianismo, as práticas de matriz africana e as crenças indígenas, Santo Antônio passou a ser associado a Exu. Como explica Luiz Antonio Simas (2022, p. 143):

Nas encruzilhadas brasileiras em que as devoções do cristianismo — vindas não apenas de Portugal, mas também redefinidas a partir das africanizações do catolicismo na costa do Congo, entrecruzadas às crenças indígenas — produziram incessantemente amálgamas entresantos, orixás, inquices, caboclos, encantados, uma das mais interessantes é a que aproxima Santo Antônio e Exu em alguns lugares do Brasil (Simas, 2022, p. 134).

Com a intenção de elaborar e preservar a memória dos santos, a Igreja Católica desenvolveu a chamada hagiografia⁴, um memorial oficial das vidas e feitos desses santos, que reúne os registros dos acontecimentos atribuídos a esses personagens sagrados. Mesmo assim, para além desses registros as narrativas dos santos populares perpetuaram-se de geração em geração, contadas nas famílias, celebradas nas festas, criando uma memória viva sobre suas vidas, milagres e histórias repletas de simbolismos. São memórias que não pertencem apenas aos livros, mas na história oral e nas práticas cotidianas de um povo que celebra seus santos como amigos próximos e intercessores de suas causas.

Dentro da cultura das festas juninas entre os homenageados está Santo Antônio, cuja hagiografia registra seu nascimento em 13 de junho, em Lisboa, Portugal, no ano de 1195. Segundo Antonio Simas (2022, p.131), “por isso, inclusive, o poeta Fernando Pessoa, nascido em dia de Santo Antonio, em 1888, chamava-se Fernando Antônio” Era o filho mais velho de uma família abastada e tinha por nome de batismo, Fernando. Segundo Renata Almeida de Oliveira (2017, p.95): “Era o primogênito de uma família burguesa, o pai, Martinho de Bulhões era cavaleiro e a mãe, Maria Teresa Taveira (Krus; Caldeira, 1994), descendia igualmente de uma família importante (Gamboso, 1996).”

A tradição conta que ele pertencia à ordem dos Cônegos Regulares da Santa Cruz, que era seguidora da Ordem de Santo Agostinho. Mais tarde, em 1220, ingressou na Ordem Franciscana, ocasião em que adotou o nome de Antônio. Simas (2022, p.131) destaca que o santo: “Acabou se tornando franciscano em 1220, quando adotou o nome de Antônio. Foi professor de teologia em universidades italianas e francesas, sendo considerado um grande orador. Adquiriu a fama da santidade ainda em vida.” Muitos

⁴Conforme o *Dicionário Aurélio*, **Hagiografia**: substantivo feminino 1-Narrativa ou biografia que relata a vida, feitos e milagres dos santos, com tom laudatório e reverente. 2- Estudo ou conjunto de escritos sobre a vida dos santos.

milagres foram atribuídos a figura de Santo Antônio. Simas (2022, p.132) ainda relata que:

Não é arriscado dizer que poucos santos têm tantos prodígios atribuídos à sua intervenção. Dentre eles, os mais famosos são o da aparição do Menino Jesus em seu colo durante um sermão que fazia na casa de um nobre (a imagem mais popular de sua iconografia); o sermão que fez aos peixes do mar, que o escutaram com atenção; o milagre de fazer uma mula (em outras versões um burro bravo e faminto), preterir a razão e se ajoelhar diante de uma hóstia consagrada por ele; e a restauração de um pé amputado de um rapaz (Simas, 2022, p. 132).

No Brasil, Santo Antônio tornou-se conhecido popularmente como o “santo casamenteiro”. Contudo, é importante problematizar essa imagem, uma vez que acabou se encaixando com muita facilidade na engrenagem do patriarcado, em que a trajetória socialmente esperada para a mulher se limita à trajetória de filha, esposa e mãe. Mulheres que mudavam esse destino, frequentemente, eram alvo de estigmas e marginalização, revelando um padrão social que restringe e condiciona a vida feminina. Como bem faz a crítica, Oliveira (2017, p. 91-92):

O casamento consistia numa obrigação para as moças que deviam se enquadrar no padrão socialmente estabelecido para as mulheres: filha, esposa, mãe, sucessivamente. Romper essa norma social significava, para essas mulheres, ser relegada à condição de “tia solteirona”, o que implicava em segregação e marginalização no grupo. Ora, tal imagem de “solteirice” era abominada pelas moças e, no intuito de fugir dela, o culto a Santo Antônio tornou-se um dos mais interessantes a ser problematizado, pois referendava não a lembrança da vida do santo, seus milagres e méritos, mas antes, ações e ritos com a sua estátua, muitas vezes, cômicas, que visavam obrigá-lo a atender ao desejo da devota, ou seja, providenciar-lhe um noivo (Oliveira, 2017, p. 91-92).

Embora não haja registros oficiais de milagres diretamente ligados ao matrimônio, é bastante comum, sobretudo, nas festas juninas mais tradicionais, que se façam promessas a Santo Antônio em troca de um casamento feliz.

Essa crença popular tem raízes em uma narrativa hagiográfica que se perpetuou ao longo dos séculos. Conta-se que, em Nápoles, na Itália, vivia uma jovem devota cuja família não possuía recursos para oferecer um dote ou preparar um enxoval, requisitos para o casamento segundo os costumes da época. Desesperada, ela recorreu a Santo

Antônio, rogando com por auxílio. Pouco tempo depois, conta a lenda, a jovem conseguiu uma bolsa com moedas de prata, o suficiente para garantir seu dote. E assim, o povo atribuiu o feito à intercessão do santo. Segundo Luiz Antonio Simas (2022, p.143), em seu livro, “Santos de casa: fé, crenças e festas de cada dia”:

Um dos procedimentos mais peculiares do cristianismo popular brasileiro, marcado por intimidades surpreendentes entre o devoto e a santidade, eram as inusitadas ‘negociações com o santo’, geralmente realizadas durante a trezena de Santo Antônio, preservada nos primeiros treze dias de junho. Enquanto a vida sentimental não era resolvida, a imagem de Santo Antônio sofria como criança levada que toma castigo dos pais: era colocada atrás da porta, molhada de cabeça para baixo em um poço, colocada junto ao fogo, ou tinha o Menino Jesus roubado de seus braços (Simas, 2022, p. 143).

Por essas narrativas conseguimos perceber, porque o santo tornou-se tão popular. Revelando como Santo Antônio ultrapassa os limites da hagiografia oficial para se inscrever na vida cotidiana dos devotos, em uma relação marcada tanto pela reverência quanto pela intimidade. A fé popular transforma o santo em um “mediador” muito próximo, capaz de ouvir súplicas, negociar desejos e até suportar pequenas irreverências, sem que isso comprometa a sua autoridade espiritual. Ao contrário, essas práticas reforçam a força da fé, na qual Santo Antônio se mantém como uma conexão entre o sagrado e o humano.

1.4 A Relação Entre o Padroeiro e a Cultura Junina Escolar

Na rede municipal de ensino de Duque de Caxias, as Festas Juninas são organizadas a partir da autonomia e iniciativa de cada unidade escolar. Não há, até o momento, um documento normativo da Secretaria Municipal de Educação que regulamente ou oriente oficialmente a realização desses festejos. Essa ausência de diretrizes unificadas confere às celebrações uma grande diversidade de formas e sentidos. Dessa maneira, cada escola organiza suas atividades conforme suas condições materiais e humanas, envolvendo a equipe gestora, o corpo docente, os responsáveis e os estudantes.

Nesse contexto, surgem projetos pedagógicos interdisciplinares, capazes de conectar diversas áreas do saber como Artes, Literatura, História, Geografia, Educação Física, Filosofia, Sociologia, entre outras. Temas sensíveis são trabalhados, como desigualdade, questões de gênero, violência, migrações. E dessa maneira, a tradição é vivida, ensinada e compartilhada desde a infância, como uma experiência coletiva que transita no campo da memória de forma interdisciplinar.

De acordo com sua própria realidade, a unidade escolar define coletivamente as músicas que serão apresentadas, a temática que norteará a celebração, os elementos que comporão a decoração do espaço, bem como as atividades desenvolvidas e as tradicionais barraquinhas com comidas típicas, escolhidas conforme os gostos e costumes daquela comunidade. De forma recorrente, as festas juninas ocorrem nas ruas das escolas, já que os espaços internos nem sempre comportam o grande número de participantes. Essa abertura para o ambiente externo favorece a participação da comunidade, fortalecendo a comunicação com o entorno social.

Refletindo sobre a contribuição teórica e filosófica da professora Bell Hooks (2019, p. 25), no livro *Ensinando a transgredir – Educação como prática de liberdade*, a educação como prática de liberdade significa: “Um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender”, com um compromisso ético, político e coletivo. Nesse sentido, as festas juninas escolares exemplificam essa necessidade, ao transformar o espaço de aprendizagem em um lugar participativo. Para Hooks (2019) a educação proporciona um caminho capaz de promover reflexões e elucidações que sejam democráticas, progressistas e que não reforcem práticas de opressão.

Outro ponto a ser destacado é que os festejos escolares costumam ocorrer após as celebrações dedicadas a Santo Antônio, momento em que já houve uma forte comoção da cidade, principalmente no 1º distrito e seu entorno, local em que a festa ocorre. Investiga-se que essa antecedência das festas do padroeiro pode contribuir para a construção de um imaginário coletivo sobre o mês de junho, estabelecendo referências e expectativas culturais que, por sua vez, podem vir a influenciar as festividades construídas pelas comunidades escolares.

Pensando nesses pontos de intersecção entre a festa do padroeiro e as escolas, trazemos a história da Festa Literária que acontecia em Caxias. Entre os anos de 2013 e 2016, a Festa Literária de Duque de Caxias ocorre de forma integrada à festa dedicada ao santo. Essa iniciativa buscava, a partir da popularidade da Festa de Santo Antônio, dar

visibilidade a escritores, professores e artistas da própria cidade, promovendo a leitura e a cultura.

Essa articulação gerou, inclusive, uma obra do renomado cartunista Ziraldo, produzida especialmente para a Festa de Santo Antônio e que, até hoje, pode ser vista nos portões da Igreja durante a semana das festividades. Em sua dissertação de mestrado, submetida à Faculdade de educação da Baixada Fluminense (FEBF), Renata afirma (2022, p.73) “A Festa literária que aconteceu durante as Festas de Santo Antônio de Duque de Caxias entre os anos de 2013 e 2016 foi idealizada pelos historiadores, agentes culturais e, na época, Diretor da Biblioteca Leonel de Moura Brizola, Antônio Oliveira.”

Figura 1- Imagem de Santo Antônio desenhada por Ziraldo



Fonte: Site da Diocese de Duque de Caxias
(<https://diocesededuquedecaxias.org.br/diocese-lamenta-a-morte-do-cartunista-ziraldo/>).

Acredita-se que aqui se revela, de forma bastante clara, um ponto de encontro entre a festa e a educação. Contudo, não foi o único. No ano de 2025, por exemplo, a Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias, por meio da Subsecretaria Pedagógica (SUPED), do Departamento de Programas e Projetos Educacionais (DPPE)

e da Coordenadoria de Leitura Literária (CLL), instalou uma grande Tenda Cultural em frente à Biblioteca Leonel de Moura Brizola. Registrada inclusive na programação oficial do evento: “Tenda Cultural, em frente à biblioteca, oficinas lúdicas, personagens vivos, animação infantil, contação de histórias com escritores e roda de conversa”. Nesse espaço, acredita-se que os alunos da rede pública puderam participar de atividades culturais e educativas, integrando-se às celebrações.

As atividades promovidas pela Secretaria Municipal de Educação (SME) têm sido recorrentes nos últimos anos e, cada vez mais, encontram espaço de circulação e registro na cultura digital. Esse movimento insere as ações educativas no contexto da cibercultura, um conceito definido por Pierre Lévy (1999). Para o autor, a cibercultura não se limita ao espaço virtual, mas constitui uma nova ecologia do saber e do convívio humano, marcada pela interconexão, pela inteligência coletiva e pela ampliação das formas de participação social.

Nesse sentido, as iniciativas da SME não apenas promovem a educação formal, mas também contribuem para a preservação cultural e a memória da cidade. Em 2023, por exemplo, o jornal O Extra publicou a matéria intitulada “*Festa de Santo Antônio atrai mais de 200 mil pessoas em Duque de Caxias*”⁵, na qual destacou que as ações educacionais ficaram sob responsabilidade da Tenda Multicultural da SME, que ofereceu ao público uma série de oficinas e atividades formativas.

Outra matéria, publicada em 2024 pelo portal *TV Prefeito*⁶, destacou mais uma vez que neste ano, as atividades educacionais ficaram sob responsabilidade da Tenda Multicultural da Secretaria Municipal de Educação, instalada na Praça do Pacificador. E conta que nesse espaço, ocorreram apresentações de grupos de quadrilhas das escolas municipais, além de contação de histórias, oficinas e outras iniciativas que aproximaram a comunidade escolar das celebrações em homenagem ao padroeiro. Percebe-se assim que, de forma recorrente, a SME/DC desenvolve ações educativas e culturais integradas à festa dedicada a Santo Antônio, ainda que em proporção menor do que ocorria em períodos anteriores, a importância e a grandiosidade da festa continuam sendo vistas, e ela sendo compreendida como um espaço articulador entre educação e cultura.

⁵O EXTRA. *Festa de Santo Antônio atrai mais de 200 mil pessoas em Duque de Caxias*. Rio de Janeiro, 2023.

⁶Disponível em: <https://tvprefeito.com/milhares-de-pessoas-visitaram-a-tradicional-festa-de-santo-antonio-em-homenagem-ao-padroeiro-de-duque-de-caxias/>.

Durante sua passagem pela Secretaria de Educação de São Paulo, Paulo Freire conseguiu avançar bastante com a pasta, conseguimos observar parte de suas ideias como secretário no livro *Educação na Cidade* (1991), em que fala de uma educação para liberdade em uma metrópole contemporânea, destacando que a educação está para além do prédio escolar. “Se não apenas construirmos mais salas de aula, mas também as mantemos bem-cuidadas, zeladas, limpas, alegres, bonitas, cedo ou tarde a própria boniteza do espaço requer outra boniteza: a do ensino competente, a da alegria de aprender, a da imaginação criadora tendo liberdade de exercitar-se, a da aventura de criar.” (1991, p. 34)

Ele ressalta que a educação deve dialogar com a realidade social e urbana dos sujeitos, tornando-se um instrumento de transformação e participação cidadã. Para o teórico, a escola não pode se limitar à transmissão de conteúdos, mas deve ser um espaço de problematização, reflexão e engajamento com o território em que está inserida, reconhecendo os saberes e experiências dos cidadãos.

Nesse sentido, como vemos com o apoio de Bell Hooks (2019) e Paulo Freire (1991) as atividades promovidas nas festas juninas, sejam elas nos prédios escolares, na ocupação das ruas das escolas ou as atividades desenvolvidas durante as festas de Santo Antônio, apresentam-se como experiências educativas que ultrapassam a sala de aula, integrando-se à vida urbana e às práticas culturais locais. Elas exemplificam a concepção freireana de educação como prática de liberdade, na qual os alunos deixam de ser apenas receptores passivos de conhecimento e passam a atuar como sujeitos ativos na produção de saberes e na construção de significados em seu território.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura junina escolar e a tradicional celebração de Santo Antônio em Duque de Caxias, embora pareçam eventos distintos, tem uma relação de influência cultural. Este estudo evidenciou que a autonomia das escolas na organização dos festejos juninos, permite que cada unidade de ensino reflita a cultura de sua comunidade, mas também a insere em um contexto cultural maior, marcado pela devoção ao padroeiro da cidade.

A festa de Santo Antônio, ao mobilizar a cidade de Duque de Caxias com sua grandiosidade e tradição, torna-se uma referência e acaba influenciando as festas e ações da educação. A atuação da Secretaria Municipal de Educação (SME) nas celebrações do

padroeiro, ano após ano, com a instalação de tendas culturais e a realização de oficinas, lançamentos de livros e apresentações, é um exemplo claro. Essas iniciativas demonstram o entendimento de que a educação não se restringe à sala de aula, mas se expande para o espaço urbano, articulando-se com as práticas e memórias da cidade.

Nesse sentido, é possível observar de forma clara a aplicação prática dos conceitos de Bell Hooks (2019) e Paulo Freire (1991). As festas juninas escolares exemplificam a educação como prática de liberdade, proposta por Hooks, na qual todos os sujeitos têm a possibilidade de aprender e participar ativamente, de maneira ética, coletiva e democrática. Ao mesmo tempo, a pesquisa reafirma a visão de Paulo Freire, segundo a qual a escola deve dialogar com a realidade local, transformando os eventos culturais em oportunidades de aprendizado e cidadania.

Este artigo destaca o valor de estudar esses festejos como ferramentas pedagógicas e patrimoniais. O reconhecimento das festas juninas como patrimônio cultural imaterial do Brasil e o processo de patrimonialização da Festa de Santo Antônio reforçam a necessidade de valorizar e analisar essas celebrações como manifestações culturais que reforçam a identidade da cidade.

REFERÊNCIAS

- ANGELO, E. B. As festas juninas no Rio de Janeiro: entre o fazer e o manter nas relações sociais. **Cadernos CERU**, Série 2, v. 33, n. 1, jun. 2022, p. 171-191.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRAZ, Antonio Augusto; ALMEIDA, Tania Maria Amaro de. **De Merity a Duque de Caxias: encontro com a história da cidade**. 2. ed. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2019. Disponível em: <https://amigosinstitutohistoricodc.com.br/wp-content/uploads/2019/04/De-Merity-a-Duque-de-Caxias.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.
- CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural: mediações pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- DUQUE DE CAXIAS (RJ). **Plano Municipal de Educação de Duque de Caxias 2015–2025 – Parte I**. Duque de Caxias: Secretaria Municipal de Educação, 2015. Disponível em: <https://sepecaxias.org.br/wp-content/uploads/2015/02/PME-2015-2025-PARTE-III1.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2025.
- DUQUE DE CAXIAS (RJ). **Plano Municipal de Educação de Duque de Caxias 2015–2025 – Parte II**. Duque de Caxias: Secretaria Municipal de Educação, 2015.

Disponível em: <https://sepecaxias.org.br/wp-content/uploads/2015/02/PME-2015-2025-PARTE-III1.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MENEZES, Renata de Castro. **A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

OLIVEIRA, Renata de Almeida. **Memórias da devoção: estudo de caso sobre a festa de Santo Antônio nas cidades de Duque de Caxias - RJ e Lisboa, Portugal**. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

OLIVEIRA, Renata de Almeida. **Educação e cultura: um estudo de caso sobre a Festa Literária de Duque de Caxias na Festa de Santo Antônio**. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2021.

O EXTRA. **Festa de Santo Antônio atrai mais de 200 mil pessoas em Duque de Caxias**. Rio de Janeiro, 3 jul. 2023. Disponível em: <https://extra.globo.com/conteudo-de-marca/prefeitura-de-duque-de-caxias/noticia/2023/07/festa-de-santo-antonio-atrai-mais-de-200-mil-pessoas-em-duque-de-caxias.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2025.

UNESCO. **Carta da convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Paris, outubro, 2003, p 1-18. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2025.

SIMAS, Luiz Antonio. **Santos de casa: fé, crenças e festas do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, bem como no que se refere ao uso de imagens.